Revista Iluminus
EDUFMA
ISSN: 2966-1196

A Dialética das Paixões em Rousseau: Entre Natureza, Cultura e Virtude

Genildo Ferreira da Silva[1]
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
genildof@hotmail.com

Resumo: Este artigo propõe-se a analisar as principais teses de Jean-Jacques Rousseau acerca das paixões humanas, investigando suas transformações ao longo do processo civilizatório e sua centralidade na constituição da existência moral e social. A partir de uma releitura crítica do sistema cartesiano das paixões, Rousseau elabora uma sociologia dos sentimentos que redefine a relação entre natureza, cultura e moralidade. A reflexão rousseauniana destaca-se, assim, tanto pela valorização da piedade natural quanto pela denúncia das paixões artificiais engendradas pela vida social, configurando um pensamento radicalmente inovador no século XVIII.

Palavras-chave: J.J. Rousseau. Paixão. Razão. Civilização. Moral.

Rousseau's Dialectic of the Passions: Between Nature, Culture, and Virtue

Abstract: This article aims to analyze Jean-Jacques Rousseau's main theses about human passions, investigating their transformations throughout the civilizing process and their centrality in the constitution of moral and social existence. From a critical rereading of the Cartesian system of passions, Rousseau elaborates a sociology of feelings that redefines the relationship between nature, culture and morality. Rousseau's reflection thus stands out both for the valorization of natural piety and for the denunciation of the artificial passions engendered by social life, configuring a radically innovative thought in the eighteenth century.

Keywords: J.-J. Rousseau. Passion. Reason. Civilization. Moral.

Introdução

Desenvolver o tema das paixões implica adentrar um terreno ambíguo, onde razão e desejo se entrelaçam, desafiando fronteiras conceituais entre o ético, o político e o existencial. Longe de serem apenas impulsos irracionais a serem domados pela razão, como queria o estoicismo, ou forças cegas que conduzem à perdição, como temia Agostinho, as paixões podem também ser compreendidas, a

[1] Professor Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Filosofia/UNICAMP.Lattes: http://lattes.cnpq.br/0537770792622115. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9808-3040.

exemplo de Rousseau, como forças constitutivas da subjetividade e da ação moral. Ao problematizar as paixões, revela-se o quanto elas estão implicadas nos processos de formação da identidade, da vontade e até da própria liberdade. Elas não são meros ruídos na alma racional, mas tensões fecundas entre o sentir e o pensar, entre a natureza e a cultura, entre a interioridade e a normatividade. Assim, a investigação filosófica sobre as paixões obriga-nos a repensar o próprio ideal da racionalidade moderna, talvez descobrindo que uma razão sem paixões seria tão impotente quanto uma paixão sem forma.

Propor uma análise do tema a partir de Rousseau é penetrar no cerne de uma filosofia que recusa a dicotomia simplista entre razão e sentimento, revelando antes uma tensão criadora entre natureza e cultura. Para o genebrino, as paixões não são forças exteriores que corrompem a alma pura, mas dimensões constitutivas da humanidade, capazes tanto de perverter quanto de elevar o ser. Se, por um lado, ele denuncia o amor-próprio como paixão artificial e socialmente pervertida, fruto da comparação e da vaidade, por outro, exalta o amor de si como paixão natural e benéfica, raiz da autopreservação e da virtude. Nas *Confissões* e na *Nova Heloísa*, vemos um Rousseau que se emociona com a música, com a amizade, com o amor, e que acredita que, sim, há paixões que nos purificam, que nos elevam, que nos tornam melhores. A paixão verdadeira, dizia ele, “É na contemplação deste divino modelo que a alma se purifica e se eleva, que ela aprende a desprezar suas baixas inclinações e a superar suas tendências vis” (Rousseau, 1994, p. 316).

Em vez de negá-las, talvez devêssemos aprender com Rousseau a escutar o que as paixões têm a nos dizer sobre nós mesmos.

Nossa proposta visa examinar as concepções de Rousseau sobre as paixões humanas, com especial atenção à sua influência sobre a vida moral e social. Ao tratar da psicologia das paixões, Rousseau opera uma mudança radical significativa: altera profundamente o sistema cartesiano ao deslocar a ênfase da medicina fisiológica para uma sociologia dos sentimentos, na qual a paixão deixa de ser vista como um desvio patológico e passa a ser valorizada como elemento constitutivo da existência individual.

O Legado Cartesiano e a primeira inversão rousseauniana

Inicialmente, Rousseau afirma que as paixões se originam das nossas necessidades e afigura-se conformar-se ao sistema cartesiano das paixões. Em seu *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, ele descreve as paixões "primitivas" como impulso vital não racional, características do homem natural e garantia da sua conservação. Tais paixões em Rousseau são um dos núcleos conceituais mais ricos de sua filosofia, especialmente porque revelam como o autor concebe a formação moral e política do ser humano a partir de sua natureza genuína. As paixões são os grandes

instrumentos da conservação do homem. A paixão do: “O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a velar por sua própria conservação” (Rousseau, 1978, p. 306-307).

No estado natural, enquanto a imaginação ainda não se desenvolveu, a mecânica corporal sustenta o movimento e o prazer, e o "homem selvagem" vive num eterno presente, “sujeito a poucas paixões” (Rousseau, 1978, p. 245), indiferente ao conhecimento e à projeção do futuro.

Entretanto, Rousseau introduz uma paixão ausente no sistema de Descartes: a piedade, que, segundo ele, constitui a fonte do sentimento de humanidade. Sem ela, o homem permaneceria irremediavelmente incapaz de vida moral e social. “A piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie” (Rousseau, 1978, p. 254).

Este trecho reforça que Rousseau concebe esse sentimento como um freio natural ao egoísmo, fundamento da vida moral e social, independentemente da razão.

A piedade é definida por Rousseau como princípio anterior à razão, movimento espontâneo da sensibilidade que funda a moral natural, pois desse princípio decorrem as regras do direito natural (Rousseau, 1978, p. 230-231).

Assim como a teoria do amor de si, a piedade é uma peça-chave para se entender a formulação moral de Rousseau. Ele busca a descoberta de uma nova definição do próprio homem e, com isso, fica próximo de ser considerado o fundador de um direito moderno dos animais ao estabelecer um laço que aproxima os viventes. Tal laço, que caracteriza todos os seres dotados de sensibilidade, é a piedade (Fontenay, 1998, p. 482-483). Esse segundo princípio inato, anterior à reflexão, fundamento não racional da moral, nos inspiraria “uma repugnância natural por ver perecer ou sofrer qualquer ser sensível e principalmente nossos semelhantes” (Rousseau, 1978, p. 230).

A transformação das paixões na vida social

A grande virada conceitual promovida por Rousseau no tratamento das paixões reside na distinção entre aquelas que brotam espontaneamente da natureza, como o amor de si e a compaixão, e aquelas que nascem da vida em sociedade, moldadas pela comparação, pelo desejo de distinção e pelo reconhecimento alheio. Enquanto as paixões naturais servem à autopreservação, à empatia e à convivência harmônica, as paixões artificiais surgem com a introdução da propriedade, da desigualdade e da vaidade social, passando a gerar sentimentos como o orgulho, a inveja, o ciúme e a ambição. Essa tensão entre uma sensibilidade original, ligada à simplicidade dos afetos, e uma sensibilidade corrompida, configurada pela imaginação social e pelas estruturas culturais, será o eixo que orientará toda a crítica rousseauniana à civilização e à moralidade burguesa.

Embora Rousseau, assim como Descartes, mantenha seu sistema dualista, pois a voz da consciência precede a da razão, sua grande inovação reside na atenção conferida ao desenvolvimento social das paixões. Uma vez inserido na história e em uma economia de desigualdades, o homem torna-se vítima de paixões socialmente construídas: o orgulho, a rivalidade, o constrangimento excedem seus desejos, transformando-os em impulsos agressivos. Por isso se condenam os sentimentos calculados, os que nascem da busca por status, honra, ou reconhecimento, que são paixões corrompidas. "Esses sentimentos inatos que a natureza gravou em todos os corações para consolar o homem em suas misérias e encorajá-lo à virtude podem, por meio da arte, de intrigas e de sofismas, ser sufocados nos indivíduos" (Rousseau, 1959, p. 972).[2]

Rousseau indica que a vida social gera novas e novas necessidades, muitas das quais são meramente imaginárias. A inveja, a valorização do parecer em vez do ser, a vaidade, a crueldade, a vingança, o desprezo não são naturais, são paixões inventadas pelos homens em sociedade, elas são contrárias à felicidade, mas incorporadas como se fossem naturais pelo processo de socialização (Rousseau, 1978, p. 263). É uma dura crítica à artificialidade da vida social, que exige máscaras emocionais e reprime a autenticidade dos afetos. "O primeiro olhar que lançou sobre si mesmo; produziu-lhe o primeiro movimento de orgulho" (Rousseau, 1978, p. 261).

Essa passagem revelando o primeiro passo rumo à miséria e ao crime, ilustra bem a tese de Rousseau de que a autoconsciência socializada desperta as paixões destrutivas, uma bela ilustração da passagem do bom selvagem ao homem corrompido.

Para reforçar sua grande tese que aponta a sociedade como geradora de novas necessidades e paixões, o genebrino acentua o poder da imaginação social nas paixões:

> A imaginação que determina tantos prejuízos entre nós, não atinge corações selvagens; cada um recebe calmamente o impulso da natureza, entrega-se a ele sem escolha, com mais prazer do que furor, e, uma vez satisfeita a necessidade, extingue-se todo o desejo (Rousseau, 1978, p. 256).

Há uma contraposição entre a simplicidade afetiva do estado de natureza com a complexidade artificial das paixões sociais. Temos aí uma denúncia do papel da sociedade, e especialmente da imaginação social, como fonte de desejos inflacionados, vaidades e comparações que corrompem a espontaneidade do impulso natural. No homem natural, o desejo nasce da necessidade imediata e extingue-se com sua satisfação; já no homem social, a imaginação projeta um infinito de carências fictícias, gerando um círculo vicioso de frustração e desejo insaciável.

A diferenciação entre paixões naturais e paixões artificiais torna-se crucial. Não se trata mais de distinguir paixões primárias e secundárias, mas sim de reconhecer que a totalidade da vida emocional está socialmente moldada.

[2] Essa e outras citações das obras em francês, são tradução livre.

O universo afetivo inscreve-se plenamente na moldura da cultura social, em Rousseau. Em sua filosofia, percebe-se que certos impulsos espontâneos, paixões naturais, frequentemente designados como inatos, ternos ou amorosos, acabam sendo abafados, reprimidos por sentimentos forjados pela sociedade, marcados por crueldade e violência. Isso representa um dos eixos centrais da crítica rousseauniana à sociedade: a ideia de que, embora o ser humano possua sentimentos naturais, simples e benevolentes (como a piedade, o amor de si e a compaixão), esses afetos originários são corrompidos ou abafados pelas exigências e pressões da vida social.

Até mesmo os afetos mais íntimos não escapam à influência da estrutura social. Ou seja, os sentimentos humanos não são apenas dados naturais, mas são também historicamente moldados. A emoção, que poderia parecer espontânea e originária, é em grande medida determinada por convenções, valores e expectativas impostas socialmente. O que efetivamente temos é a substituição, ou repressão, da autenticidade afetiva por sentimentos cultivados artificialmente pela vida em sociedade. Enquanto as paixões naturais promovem harmonia e coexistência pacífica, as paixões artificiais (como o orgulho, o ciúme, a ambição) são produto da comparação entre os indivíduos, na busca por status, marcas do mundo civilizado.

Esse deslocamento afetivo está ligado ao processo de alienação do homem em relação à sua natureza. O ser humano, ao abandonar sua condição originária, passa a viver segundo os valores do reconhecimento externo, e não mais segundo as inclinações naturais. Em síntese, Rousseau denuncia a transformação da sensibilidade humana em produto da civilização, e o drama ético que disso decorre.

Em diferentes épocas, alguns autores oferecem perspectivas distintas sobre a relação entre natureza, afeto e sociedade. Pierre Bourdieu, por exemplo, ajuda a atualizar a leitura de Rousseau no campo da sociologia contemporânea ao propor que os gostos, disposições e emoções são socialmente estruturados. Por meio do conceito de *habitus*, Bourdieu mostra que as emoções não são apenas expressões internas e espontâneas, mas formas de percepção e comportamento moldadas por posições sociais.

Ao dizer que as paixões naturais são sufocadas por paixões artificiais, Rousseau antecipa essa percepção: a cultura é um mecanismo de fabricação de afetos sociais, que transforma sensibilidades autênticas em disposições úteis ao funcionamento das hierarquias. O orgulho, a ambição, o desejo de distinção, tão criticados por Rousseau, são, para Bourdieu, paixões adaptadas ao jogo simbólico dos campos sociais[3].

[3] Para fundamentar a afirmação de que, assim como em Rousseau, também em Bourdieu as disposições afetivas são compreendidas como moldadas socialmente e estruturadas a partir do *habitus*, é pertinente recorrer à obra *A distinção: crítica social do julgamento* (Bourdieu, 2007).

Ruptura com o materialismo e a revalorização das paixões

Em *Rousseau juge de Jean-Jacques*[4], as paixões estão no centro da obra como fenômenos morais e existenciais, revelando sua concepção da interioridade e da justiça de si diante do mundo. A sensibilidade física "simples obra da natureza" é relegada ao âmbito do corpo, "pares de nervos", enquanto a sensibilidade moral ou ativa organiza-se em torno das "paixões amorosas e suaves", de um lado, e as "paixões odiosas e cruéis", de outro (Rousseau, 1959, p. 805). A afirmação na mesma página de que "a sensibilidade é o princípio de toda ação" reverbera o espírito do *Segundo Discurso* e da *Nova Heloísa*, nos quais Rousseau defende que, antes da razão, é o sentimento que move o ser humano. O homem não age porque conhece, mas porque sente, e é precisamente esse sentimento que lhe fornece o impulso vital. Assim, não há moralidade sem sensibilidade, e tampouco vício que não passe por ela. Isso se contrapõe à tradição racionalista cartesiana, segundo a qual a vontade é determinada pela clareza e distinção das ideias. Para Rousseau, a vontade nasce de um afeto anterior, e, portanto, a sensibilidade é ontologicamente e moralmente primeira.

Rousseau opõe a frieza da razão abstrata e do julgamento social à força dos sentimentos verdadeiros, defende sua sinceridade emocional como fundamento de sua inocência e dignidade. Assim, a paixão não é vício, mas índice de verdade interior:

> Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda verdade da natureza, e serei eu esse homem (Rousseau, 2008, p. 30).
> Jamais escrevi, raciocinei, senti senão movido pela paixão. Toda minha filosofia nasce dos meus sentimentos. [...] Nunca fui capaz de fazer outra coisa senão sentir intensamente o que senti, pensar com vigor o que pensei e expressar com franqueza aquilo que pensava. (Rousseau, 1959, p. 663).
> Somente J.-J. (Jean-Jacques) me pareceu buscar a verdade com retidão e simplicidade de coração. Só ele me pareceu mostrar aos homens o caminho da verdadeira felicidade, ensinando-lhes a distinguir a realidade da aparência e o homem da natureza do homem artificial e fantasioso que nossas instituições e nossos preconceitos lhe substituíram: só ele, em suma, me pareceu, em sua veemência, inspirado apenas pelo amor do bem público, sem intenções ocultas e sem interesse pessoal (Rousseau, 1959, p. 728).

Rousseau reflete sobre o modo como viveu, sentiu e escreveu, sempre movido por paixões intensas. A declaração é uma chave de leitura para toda a sua obra, pois reafirma a primazia do sentimento sobre a razão na constituição de seu pensamento filosófico e existencial. Ele assume uma epistemologia das paixões, elas revelam o ser autêntico, enquanto o mundo racional e social opera segundo falsidades e aparências. A paixão aparece como elemento de resistência ética.

Noutro momento, Rousseau trata das Paixões contra a injustiça social, se defende das acusações que lhe foram dirigidas, e o faz com grande veemência emocional. Sua ira contra os críticos não é prova de culpa, mas expressão legítima da indignação justa.

[4] A obra *Rousseau juge de Jean-Jacques*, ou *Rousseau juiz de Jean-Jacques*, escrita entre 1772 e 1776, é um texto essencialmente auto crítico, filosófico e existencial, onde Rousseau, por meio de um diálogo ficcional entre os personagens, analisa a si mesmo, suas obras, sua reputação pública e seus sentimentos mais íntimos.

A paixão, quando ligada à justiça, é legítima. Rousseau sugere que a indiferença diante da injustiça seria uma forma de corrupção moral.

Uma dimensão que merece destaque é o sofrimento subjetivo de Rousseau diante da incompreensão pública. As paixões se tornam testemunho do sofrimento da alma sensível, solitária e honesta:

> Desiludido dessa doce quimera da amizade, cuja busca vã causou todas as desgraças da minha vida, e ainda mais desiludido dos erros da opinião pública, da qual sou vítima, não encontrando mais entre os homens nem retidão, nem verdade, nem nenhum daqueles sentimentos que eu acreditava serem inatos às suas almas porque o eram na minha, e sem os quais toda sociedade não passa de engano e mentira, recolhi-me ao interior de mim mesmo (Rousseau, 1959, p. 727).

A sensibilidade excessiva é a condição do filósofo moral, mas também a fonte de sua dor. As paixões, longe de serem controláveis, revelam a desproporção entre o indivíduo autêntico e o mundo social injusto.

Rousseau reitera, assim, sua filosofia das paixões: elas não devem ser reprimidas, mas compreendidas e respeitadas como parte constitutiva da dignidade humana.

O mais interessante, entretanto, é que toda referência ao "movimento dos espíritos" desaparece. O que permanece é a "máquina social", capaz de moldar o indivíduo até mesmo em suas inclinações afetivas. Contudo, longe de condenar as paixões de forma explícita, Rousseau surpreende ao valorizá-las sob determinadas condições.

É, no mínimo, estranho que Rousseau, o sonhador solitário, o homem que cultivava as paixões suaves da ociosidade, da música, da amizade, da botânica, seja também o precursor romântico das grandes paixões, transformando o sentimento em princípio de verdade e a emoção profunda em critério de autenticidade moral**.** Essa aparente contradição, longe de ser um equívoco, parece ser a pulsação viva de sua obra.

Se, por um lado, Rousseau faz o homem sonhar com a inocência perdida do estado natural ou da infância, por outro reconhece que é na história, e apenas nela, que se desenha a possibilidade de sua redenção. O amor, no estado natural, era um impulso efêmero; no estado social, entretanto, ele se enobrece ao se associar ao altruísmo, ao sacrifício, à superação de si mesmo, ingressa, enfim, no domínio dos valores.

Assim acontece com todas as paixões: Rousseau realiza, nesse sentido, uma vigorosa reabilitação dos sentimentos. Desde que orientada pela razão, pela coragem, pela cidadania ou pela virtude, a paixão torna-se, para ele, uma força propulsora, uma fonte inesgotável de grandeza humana, ou seja, se o homem aspira a reencontrar a inocência natural, ele também deve atravessar a história, ressignificando suas paixões pela via da razão e da virtude. Quando ressignificada pela razão e moldada pela virtude, toda paixão deixa de ser um impulso cego para transformar-se em força criadora

e fonte de elevação moral. “Não sei se me engano, mas parece-me que o verdadeiro amor é o mais casto de todos os laços. É ele, é seu fogo divino que sabe purificar nossas inclinações naturais, concentrando-as em um único ser” (Rousseau, 1994, p. 132-133).

É uma concepção de Rousseau sobre o amor verdadeiro como uma força que eleva e purifica a alma. Esse trecho reforça a ideia de que a paixão, especialmente o amor, não é apenas uma força avassaladora, mas um processo de sublimação que conduz à grandeza interior.

Em diversas partes de *Júlia ou a Nova Heloísa*, e também em *Emílio ou da Educação*, seu autor associa o amor e os sentimentos elevados à formação do caráter virtuoso, a paixão não degrada; ao contrário, quando bem gerida, redime, aperfeiçoa e engrandece o ser humano.

No Livro IV do Emílio, Rousseau discute como a piedade e a sensibilidade são fundamentais para o desenvolvimento moral: “Assim nasce a piedade, primeiro sentimento relativo que toca o coração humano segundo a ordem da natureza” (Rousseau, 1995, p. 289).

Há um destaque para a importância da sensibilidade e da empatia no desenvolvimento moral, alinhando-se à ideia de que uma alma insensível estaria incompleta. É nesse reconhecimento da sensibilidade como essência da condição humana que Rousseau edifica sua defesa das paixões. Guiadas pela razão e conduzidas pela virtude, elas se tornam uma fonte legítima de força moral e de plenitude existencial.

Pierre Burgelin (1978) destaca que, para Rousseau, as paixões não são meramente impulsos desordenados, mas componentes essenciais da existência humana. Ele argumenta que Rousseau vê nas paixões uma força vital que, quando inspirada pela razão e pela consciência moral, pode conduzir ao desenvolvimento da virtude e da autenticidade pessoal. Essa perspectiva contrasta com visões que consideram as paixões como obstáculos à racionalidade e à moralidade.

Ao enfatizar a importância dos sentimentos na formação moral do indivíduo, por exemplo, no Emílio, Rousseau afirma: “Fizemos [dele] um ser ativo e pensante; para terminar o homem, só nos resta fazer um ser amoroso e sensível, isto é, aperfeiçoar a razão pelo sentimento” (Rousseau, 1995, p. 262).

Na visão de Rousseau, a sensibilidade é essencial para o desenvolvimento completo do ser humano. A educação do desejo, a elevação das paixões amorosas a instrumentos de heroísmo, cidadania e virtude traduzem uma profunda apologia das paixões elevadas, em oposição às paixões egoístas e mesquinhas.

A distinção entre mesquinhas paixões: amor-próprio, ganância, egoísmo, e nobres paixões; generosidade, sacrifício, virtude fundamenta toda a pedagogia emocional de Rousseau. A verdadeira grandeza humana reside na capacidade de dominar as paixões menores e subordinar-se às exigências da virtude.

Em *Júlia ou a Nova Heloísa*, Rousseau afirma que "numa alma honesta as mais vivas paixões conservam ainda o santo caráter da virtude" (ROUSSEAU, 1994, p. 53). Isso significa que ao contrário da tradição racionalista e cristã que frequentemente via nas paixões um risco à virtude, fonte de desordem e pecado, ele propõe que, quando enraizadas numa *alma honesta*, ou seja, numa natureza não corrompida pelo artifício social, as paixões não só não corrompem, mas podem ser expressão da própria virtud**e**. Esse "santo caráter" das paixões remete ao ideal de um ser humano sensível e autêntico, capaz de amar com intensidade, agir com compaixão e se revoltar diante da injustiça, não por cálculo racional, mas por impulso do coração. É a paixão que, guiada pela integridade interior, transforma-se em motor ético, em força criadora e afirmativa

Ao abordar a importância da virtude em seus escritos, Rousseau a destaca como essencial para a formação moral e cívica do indivíduo. Em *Emílio ou da Educação,* ele enfatiza a necessidade de desenvolver o coração e tornar o indivíduo sensível e amoroso, aperfeiçoando, assim, a razão por meio do sentimento. Essa perspectiva sugere que a virtude está intrinsecamente ligada à sensibilidade e à capacidade de amar, fundamentais para a moralidade e a vida em sociedade.

O silêncio das paixões: última sabedoria

Entretanto, nos escritos autobiográficos, destacadamente, as *Confissões* e os *Devaneios de um Caminhante Solitário*, Rousseau aponta para uma busca final pela serenidade e pelo silêncio das paixões:

> Sempre me disse: tudo isso não passa de argúcias e sutilezas metafísicas, que não têm peso algum diante dos princípios fundamentais adotados pela minha razão, confirmados pelo meu coração, e que todos trazem o selo do assentimento interior no silêncio das paixões (Rousseau, 1959, p. 1018).

Nesses textos, Rousseau abandona a exaltação das paixões intrépidas, tão características de *Júlia ou a Nova Heloísa*, e passa a valorizar a tranquilidade interior, a reconciliação com a solidão e a busca de uma felicidade desapaixonada. A sabedoria última reside não na exaltação destemida da paixão, mas na conquista de uma felicidade calma e serena, na qual a alma reencontra a si mesma longe das agitações do mundo.

Esse duplo movimento, da paixão exaltada à serenidade meditativa constitui a grande dialética das paixões em Rousseau: entre o apelo da natureza e a travessia histórica, espinha dorsal entre o drama do amor e o sossego da contemplação.

No final da Quinta Caminhada dos *Devaneios*, temos a ideia do "silêncio das paixões": "Liberto de todas as paixões terrenas que o tumulto da vida social engendra, minha alma se elevaria frequentemente acima desta atmosfera, e negociaria antecipadamente com as inteligências celestiais" (Rousseau, 1959, p. 1048-1049).

O pensador abandona a exaltação do amor trágico e das paixões inflamadas em favor de uma sabedoria melancólica e contemplativa. A virtude já não está na luta heroica contra as paixões, mas na paz que resulta de seu apaziguamento.

O refúgio para tal pacificação será a natureza. Rousseau identifica na experiência sensível da natureza a possibilidade de uma reconciliação afetiva com o mundo e consigo mesmo. A contemplação das árvores, da água, das nuvens, tão frequentemente descrita no *Devaneios,* torna-se um substituto sereno para o tumulto das relações sociais. Trata-se de uma espiritualidade natural, sem teologia nem dogma, em que a alma reencontra sua ordem interior.

Assim, fica claro o contraste com os tempos da paixão. Esse ideal de serenidade é, muitas vezes, contrastado com o sofrimento causado pelas paixões sociais, especialmente a vaidade ferida, a exclusão, a perseguição e a calúnia. Ao narrar sua solidão e seus conflitos com a sociedade, Rousseau não nega a dor das paixões, mas busca superá-la por meio de uma forma filosófica de resignação ativa: "Eis-me, pois, sozinho sobre a terra, não tendo mais irmão, nem vizinho, nem amigo, nem outra companhia além de mim mesmo. O mais sociável e o mais afetuoso dos homens foi banido por um acordo unânime" (Rousseau, 1959, p. 995).

Nos escritos autobiográficos, especialmente no *Devaneios,* Rousseau apresenta a serenidade das paixões como o ápice de um itinerário existencial: da infância inocente ao tumulto da vida pública, das grandes paixões amorosas à sabedoria solitária. A paixão não é negada, mas transformada em lembrança pacificada. Nesse processo, Rousseau faz da serenidade não uma renúncia, mas uma forma elevada de liberdade interior.

Considerações finais

O pensamento de Rousseau sobre as paixões humanas revela uma tensão fecunda entre natureza e história, entre espontaneidade e cultura, entre heroísmo e sabedoria. Se, por um lado, ele reabilita a paixão como fonte de grandeza moral, por outro, reconhece o perigo de sua corrupção social. Sua reflexão permanece atual ao nos lembrar que a educação das paixões é condição necessária para qualquer projeto de emancipação humana.

A trajetória reflexiva de Rousseau culmina, em seus escritos autobiográficos tardios, na valorização da serenidade como forma última de sabedoria. Nos *Devaneios do Caminhante Solitário,* o autor se afasta das grandes paixões heróicas, celebradas em obras como *Júlia,* e volta-se à experiência íntima da calma interior, ao que chama de "silêncio das paixões". Trata-se de uma nova etapa de sua filosofia afetiva, em que a virtude já não nasce do sacrifício ardente, mas da reconciliação tranquila com a própria sensibilidade. Rousseau revela que, após o tumulto da vida social, encontra na contemplação da natureza e na solidão uma forma elevada de liberdade. A paixão não é negada,

mas apaziguada; transformada em memória reflexiva e em força contemplativa. Com isso, Rousseau inaugura, ao lado do romantismo das grandes paixões, uma espécie de estoicismo sensível, um romantismo tardio da alma reconciliada consigo mesma.

Referências

BOURDIEU, Pierre. ***A distinção****: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern e Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007.)

Gilot M. et Sgard, J. **Le Vocahulaire du sentiment dans l'Oeuvre de J.-J. Rousseau, sous la dir. de M. Gilot et J. Sgard**, Geneve, 1980.

BURGELIN, Pierre. **La philosophie de l'existence de Jean Jacques Rousseau**. Genève: Slatkine Reprints, 1978.

FONTENAY, Elizabeth. ***Le silence des bêtes****: la philosophie à l'épreuve de l'animalité*. Paris: Fayard, 1998.

ROUSSEAU, J.-J. **Confissões**. Tradução Rachel de Queiroz e José Benedicto Pinto. Bauru, SP, Edipro, 2008.

ROUSSEAU, J.-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio, ou Da educação**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, J.-J. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução de Fúlvia M. L. Monteiro, Hucitec e Editora da Unicamp, 1994.

ROUSSEAU, J.-J. Rousseau Juge de Jean-Jacques - Dialogues. In: **Rousseau**. *Œuvres Complètes*. vol. I, édition publiée sous la direction de Bernard Gagnebin & Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1959. (Bibliothèque de la Pléiade).

ROUSSEAU, J.-J. *Les Rêveries du promeneur solitaire*. In: **Rousseau**. *Œuvres Complètes*. vol. I, édition publiée sous la direction de Bernard Gagnebin & Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1959. (Bibliothèque de la Pléiade).

Recebido em: 05/11/2024

Aprovado em: 31/01/2025